

A Ontologia do Universalismo Europeu

Lettícia Maria Beltrão Pereira¹

Em seu mais recente livro, *O universalismo europeu: a retórica do poder*, Immanuel Wallerstein, retrata o tipo de conquista contida em alguns discursos do Ocidente, tais como a democracia e os direitos humanos. Wallerstein nasceu em Nova Iorque, nos Estados Unidos da América em 1930. Doutor em Sociologia pela Universidade Columbia, onde lecionou por vários anos, foi também professor na Universidade McGill, no Canadá e na Universidade Binghamton, em sua cidade natal. Desde 2000, Immanuel é pesquisador-sênior do Departamento de Sociologia da Universidade Yale e também estudioso do marxismo além de crítico do capitalismo global, sendo uma das principais referências teóricas dos movimentos antiglobalização.

O livro *O Universalismo Europeu: a retórica do poder* critica o sistema-mundo moderno, focando no universalismo como parte e influência deste. Através deste conceito utiliza de argumentos para analisar a globalização e as teorias universalistas que a acompanham, manifestando de que formas as mesmas representam uma visão eurocêntrica sobre os processos de expansão dos países.

No decorrer do livro o sociólogo e teórico Immanuel Wallerstein, explicita os três principais argumentos ao universalismo: o colonialismo, o orientalismo e a cientificidade, explicando como essas ideias encadeiam os valores que se manifestam na atualidade através da história e da globalização na democracia e nos Direitos Humanos.

O livro é composto por quatro capítulos. No primeiro capítulo, *Quem tem o direito de intervir? Os valores universais contra a barbárie*, Immanuel Wallerstein, parte de uma discussão realizada na Espanha, por volta do século XVI, dentro do contexto da conquista espanhola de boa parte das Américas, entre Juan Ginés de Sepúlveda e Bartolomé de las Casas. Ambos discutiram a relação de direito que os

¹ Discente do 2º período do Curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas, Recife/PE.

conquistadores espanhóis tinham contra os indígenas habitantes das regiões americanas. Las Casas, primeiro padre a ser ordenado no território americano, foi extremamente favorável ao sistema espanhol conhecido como *encomienda*, termo que significa recomendar ou confiar algo para alguém. Esse regime deixava comunidades indígenas, no caso específico, os ameríndios, inteiras sob os cuidados de um encomendero, o qual poderia utilizar a mão de obra dos índios para o desenvolvimento de atividades agrícolas, pastoris e/ou mineiras. Entretanto, em 1514, Bartolomé passou por uma espécie de ‘conversão’ espiritual e resolveu abdicar do seu envolvimento do método de encomienda e regressar para a Espanha, a fim de lutar e censurar as injustiças e desigualdades acometidas pelo sistema. Ele tinha uma pergunta que perdura até os dias atuais: ‘Quem tem o direito de intervir, quando e como?’

Las Casas foi respondido por Sepúlveda, que exibiu quatro argumentos extremamente importantes para a dominação europeia nas Américas. Segundo Sepúlveda, são quatro os argumentos que têm sido usados para justificar todas as “intervenções” subsequentes dos “civilizados”: a barbárie dos outros, o fim de práticas que violam os valores universais, a defesa de inocentes em meio aos cruéis e a possibilidade de disseminar valores universais (p. 35).

O Colonialismo relaciona-se com o princípio do choque entre culturas, a aculturação, no qual está incutido que os valores eurocêntricos são vistos como superiores aos de outras civilizações, tendo em vista que estes seriam os únicos realmente vindouros das verdades universais. Após demonstrar o berço da primeira forma de Universalismo proposto, o Colonialismo, Wallerstein traz à tona a discussão entre Sepúlveda e Las Casas até a atualidade, com o intuito de mostrar, o quanto o confronto está presente em episódios atuais, tais como a invasão dos Estados Unidos no Iraque.

Já no segundo capítulo, *É possível ser não-orientalista? O particularismo essencialista*, o autor demonstra de que maneira o Orientalismo foi utilizado durante o período colonial com o intuito de instaurar uma espécie de relação de superioridade cultural com as sociedades complexas. O Orientalismo, não se diferencia bastante do Colonialismo, pois este disserta sobre o Colonialismo no mundo oriental. Não se pode negar que o Oriente tinha certo grau de desenvolvimento, porém, conforme a visão eurocêntrica, este se encontrava

estancado, já que esses povos não articulavam os valores compreendidos como universais e pregados pelo Cristianismo e pela ideologia de civilização da Europa. Wallerstein utiliza do livro *Cartas Persa*, de Montesquieu, para embasar seu discurso e, por fim, citando a obra diz que num longo prazo da história foram os persas, e não os europeus o exemplo de valores universais.

Entretanto, em 1945 esse sistema-mundo, foi fortemente atacado, surgindo dessa forma, a necessidade de não apenas substituir o sistema-mundo por outro melhor e mais eficiente, mas, sobretudo para refletir como podemos reconstruir as estruturas, de forma a sermos não-orientalistas. Ser não-orientalista significa ratificar a preocupação contínua entre a necessidade de universalizar a nossa percepção e o desejo de defender as raízes particularistas. É preciso que universalizemos nossos valores particulares e, ao mesmo tempo, que particularizemos nossos valores universais, numa espécie de troca dialética constante que nos permita encontrar novas fusões, que naturalmente, são constantemente questionadas.

No terceiro capítulo, *Como saber a verdade? O universalismo científico*, Wallerstein a aborda a separação entre o humanismo e o saber científico. Segundo o autor, o conceito de uma ciência externa à cultura, em certo sentido mais importante que a cultura, tornou-se o último terreno da justificativa da legitimidade da distribuição do poder no mundo moderno. O cientificismo foi o modo mais sutil de justificativa ideológica dos poderosos. Afinal, apresenta o universalismo como ideologicamente neutro, desinteressado da cultura e até da arena política. (p. 116)

O universalismo científico surgiu com uma nova base para o conceito de valores universais: A ciência. Os valores universais não poderiam mais se embasar em argumentos filosóficos e religiosos, pois estes tinham caráter meramente subjetivo enquanto o científico poderia os validar através de análises e teses. Com o advento da modernidade e conseqüentemente dos avanços tecnológicos, a ciência ganhou um elevado destaque, pois afirmava que os fatos e verdades deveriam ser comprovados somente de forma empírica.

No quarto e último capítulo, *O poder das ideias, as ideias do poder: dar e receber*, ele explica o papel do intelectual no mundo moderno, em um sistema capitalista em estado de crise. Analisa também a possibilidade da construção de uma espécie de universalismo universal.

Os Direitos Humanos são os direitos tidos com naturais a todos os indivíduos. Este conceito se relaciona com a ideia de valores universais e utiliza desta para se validar. Tornaram-se ainda mais importantes após o ano de 1945, período marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial e logo depois com a Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas. Também nessa época, o universalismo científico atingiu seu apogeu e por consequência a globalização se tornou ainda mais ativa e constante.

Desta vez a justificativa para um intervencionismo seria o desejo da correta implantação dos Direitos Humanos sob os povos mais fracos, países em conflitos internos ou pela democracia com um propósito de interação global, especialmente uma interação econômica.

Portanto não se pode negar que o universalismo contido na globalização teve um papel extremamente importante para o desenvolvimento dos povos. Porém não podemos admitir que este seja um argumento verdadeiramente válido para os poderosos controlarem toda a sociedade de acordo com seus interesses.

Por conseguinte, a partir deste livro podemos absorver conhecimentos de diversas áreas, tais como política, economia, história, sociologia, antropologia e direito, que são de extrema relevância para a área das Relações Internacionais, pois estas informações nos mostram como se deram os processos e relações no mundo internacional globalizado. Além disso, pode-se compreender que as Relações Internacionais, encontram-se cada vez mais atrelada aos processos sociais, à formação da desigualdade, da cultura e das mudanças que permeiam as relações sociais entre as pessoas.

➤ **Referência Bibliográfica:**

WALLERSTEIN, Immanuel. ***O universalismo europeu: a retórica do poder.*** Trad. Beatriz Medina; Apresent. Luiz Alberto Moniz Bandeira. 2007. São Paulo: Boitempo, 2007. 137p.